

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Akie Yoshioka

SAÚDE MENTAL COLETIVA NOS CURSOS DE ENGENHARIA

-Um Trabalho de Acompanhamento de Alunos

Porto Alegre

2013

Akie Yoshioka

Saúde Mental Coletiva nos Cursos de Engenharia

-Um Trabalho de Acompanhamento de Alunos

Trabalho de Conclusão de Curso de
Especialização em Educação em Saúde Mental
Coletiva, do Programa de Pós-Graduação em
Educação da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Profª Drª Rosemarie Gartner Tschiedel

Porto Alegre

2013

SUMÁRIO

1. RESUMO	04
2. INTRODUÇÃO	05
3. OBJETIVOS	06
4. REVISÃO DE LITERATURA	06
5. ABORDAGEM METODOLÓGICA	09
5.1. TRABALHO DE ACOMPANHAMENTO DE ALUNOS	09
5.2. RELATOS DE ATENDIMENTO	10
6. DISCUSSÃO	13
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
8. REFERÊNCIAS	27

1. RESUMO

Com a política de expansão da educação do Ensino Superior através do Projeto Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) houve a contratação de novos servidores entre docentes e técnicos em diversas áreas nas Instituições de Ensino Superior (IES). Desta forma, foi possível direcionar um olhar sobre os altos índices de reprovações em disciplinas e o extenso prazo para a conclusão do curso, que vem se repetindo ao longo dos anos. Com a contratação de novos servidores, surgiu na Escola de Engenharia de uma IES pública a possibilidade de realizar um trabalho de investigação dos motivos do baixo desempenho acadêmico dos alunos de graduação. O objetivo deste trabalho é realizar um levantamento e discussão das situações mais comuns enfrentadas pelos alunos que levam ao sofrimento psíquico podendo refletir no desempenho acadêmico, descrevendo suas possíveis causas e seu contexto. Estas informações poderão subsidiar a proposta de projetos para contribuir com a melhora das condições de saúde mental dos estudantes universitários através de ações conjuntas que integre todos os atores envolvidos nesta questão.

Palavras-chave: saúde mental e educação, Ensino Superior, Engenharia, desempenho, acolhimento.

2. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos há no país uma política de ampliação da oferta de vagas no Ensino Superior, bem como a de reserva de vaga para grupos que representam minorias como: alunos autodeclarados negros, alunos oriundos de escolas públicas e alunos com comprovada baixa renda familiar. Em 2003 foi iniciada a ampliação de vagas em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão Universitária (REUNI). Em 2004 foi criada a Lei nº 11.096 - Programa Universidade para Todos (PROUNI) que tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais ou parciais para cursos de graduação em IES privadas. Em 2012 o Governo Federal sancionou a Lei nº 12.711/2012 (Lei das Cotas) que destina 50% das vagas às cotas, sendo metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta superior a um salário mínimo e meio. Em ambos os casos, também é levado em conta o percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no estado, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Para acompanhar o aumento quantitativo dessas vagas é necessária uma preocupação com a qualidade das condições do processo de ensino-aprendizagem nas IES. Dentre as questões que merecem destaque neste contexto é a saúde integral dos alunos universitários, abordando-se neste trabalho, mais especificamente, a saúde mental que, de algum modo, refletirá nas avaliações dos Cursos de Graduação bem como na eficiência do ensino destas instituições verificada pelo número de alunos formados proporcional ao de ingressantes. Esse fator é especialmente importante em IES públicas.

Ao se falar sobre desempenho nos estudos, por trás de notas em provas e conceitos em disciplinas que representam um baixo desempenho acadêmico pode haver um sujeito em sofrimento psíquico, muitas vezes não percebido pela sociedade, ou pela própria academia. Por sua vez as Universidades buscam combater os altos índices de evasão e retenção escolar, através de dados apresentados na forma de números, baseados nos conceitos de aprovação ou reprovação, tempo de conclusão de curso. No entanto, a análise deste problema não deve ser meramente quantitativa, deve haver uma investigação das causas destas questões para

adequação das ações das IES para solucionar os problemas encontrados. É preciso para isso conhecer os discentes em questão, considerando todo o contexto em que está inserido.

A necessidade e justificativa para realizar este estudo surgiu no trabalho desenvolvido na Escola de Engenharia de uma IES pública onde é feito acompanhamento de alunos com dificuldades de desempenho. Dos encontros realizados com estes alunos percebeu-se que há a necessidade da instituição de ensino reconhecer que as questões subjetivas têm reflexo nos dados de desempenho dos alunos e que a saúde mental deve ser promovida em diferentes frentes. As IES têm como uma das finalidades a formação profissional de seu corpo discente, e a formação de cidadãos que atuarão de forma humanizada nas relações, após este processo, terá influência das experiências vivenciadas.

3. OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é realizar um levantamento e discussão de situações mais comuns enfrentadas pelos alunos que levam ao sofrimento psíquico, descrevendo suas possíveis causas. A partir destas informações objetiva-se subsidiar a proposta de projetos para contribuir com a melhora das condições de saúde mental dos alunos universitários.

4. REVISÃO DE LITERATURA

De acordo com Canguilhem (2010) a saúde é um conjunto de seguranças e seguros, seguranças no presente e seguros para prevenir o futuro, como um guia regulador das possibilidades de reação. Isto é, o homem com saúde não é apenas adaptado ao meio e às suas exigências, mas, também, normativo, capaz de seguir novas normas de vida. Rabello (2010) complementa que saúde é uma categoria resultante da interação do homem como ser biológico, social e espiritual no contexto das organizações sociais, em cada momento histórico dado, expressando o nível de bem-estar físico, mental, social e espiritual do indivíduo, da família, do coletivo de trabalho e da comunidade.

A saúde mental dos estudantes do ensino superior é uma importante questão de saúde pública que não deve ser descuidada pelas IES porque tem consequências em nível acadêmico, podendo conduzir ao insucesso dos alunos. Como consequência, ocasiona uma

maior demanda de recursos financeiros para proporcionar a contratação de um número maior de docentes para atender o excessivo número de alunos retidos nas disciplinas reprovadas.

Em pesquisa realizada com estudantes de instituições portuguesas de ensino superior, em uma amostra composta por 321 estudantes, do 1º ao 5º ano de cursos nas áreas de Humanas (38.9%), Engenharias (34.6%) e Ciências Naturais (26.5%), com idades compreendidas entre os 18 e os 44 anos foi verificado que 55.5% dos estudantes apresentam níveis de bem-estar normais ou saudáveis, enquanto 44.5% apresentam níveis mais baixos que representam algum risco. Desta população, cerca de um terço dos estudantes (29.3%) apresentou níveis de sintomatologia que podem representar algum risco de psicopatologia, sendo a depressão, ansiedade e o pânico apresentados em maiores níveis (Santos; Veiga; Pereira, 2010). As condições de saúde mental dos estudantes quando ingressam na universidade podem ser afetadas na medida em que as exigências acadêmicas, as dificuldades de aprendizagem e a aquisição de habilidades transparecem situações de fracasso ou êxito, que acompanhadas do ritmo de estudos, carga horária, exigência dos docentes, pressões do grupo, competitividade entre colegas, mudanças nos horários de alimentação e no ciclo de sono podem alterar as condições da saúde (Gutiérrez Rodas et al., 2010).

Na amostra do estudo de Cerchiari; Caetano; Faccenda (2005), dos 558 estudantes de duas universidades públicas de Mato Grosso do Sul, dos cursos de Ciência da Computação, Direito, Letras e Enfermagem que responderam dois questionários, os distúrbios psicossomáticos foram os principais problemas de saúde mental da população estudantil universitária com prevalência de 29%, seguido por tensão ou estresse psíquico com 28%, e falta de confiança na capacidade de desempenho/autoeficácia com 26%. Esse dado permite levantar a hipótese de que a falta de confiança na capacidade de desempenho/autoeficácia desencadeia tensão ou estresse psíquico; este, por sua vez, se manifesta no corpo (distúrbios psicossomáticos), demonstrando assim, a dificuldade dos estudantes em lidar com as emoções em uma situação conflitante. Isto é, não conseguem elaborá-las ou representá-las por ações ou palavras, manifestando-as através do corpo. Por outro lado, verifica-se uma individualização de tais dificuldades, centrando os problemas somente nos estudantes, sem que sejam problematizados os modos de produção desta alta exigência.

No processo de inserção na vida universitária, o meio demanda do estudante uma mudança nos seus métodos de estudos, maior dedicação de tempo às atividades acadêmicas e

uma preocupação maior pelo êxito que devem obter para garantir um bom futuro profissional (Gutiérrez Rodas et al., 2010).

Em outro estudo, realizado por Feldman et al. (2008) com 442 alunos venezuelanos dos primeiros anos dos cursos de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo, Biologia, Física, Química e Matemática as situações de estresse mais frequentes foram, apresentar trabalho, estudar para as provas e esperar receber o resultado de um exame, o que foi reportado por mais de 90% do grupo. Também foram comuns as seguintes situações: excessiva quantidade de material para estudar (reportada por 89,3% dos estudantes), falta de tempo para estudar (83,8%). Foram relatados poucos problemas de saúde autopercebidos, dos quais a angústia e a ansiedade foram os que estiveram mais presentes. Outro fator apontado por Balanza Galindo; Morales Moreno; Guerrero Muñoz (2009) que tem influência no estado emocional é a residência durante o curso. Os alunos que residem em domicílio familiar apresentam uma menor frequência de ansiedade, 43,9%, enquanto os residentes em outros âmbitos, como república ou casa de parentes, representam 52,2%. Os estudantes que moram em repúblicas e pensionatos apresentaram escore médio significativamente maior, respectivamente, em estresse psíquico e em distúrbios do sono quando comparados aos que moram com a família (Cerchiari; Caetano; Faccenda, 2005).

Segundo Colares; Franca; Gonzales (2009) as condutas de saúde repercutem de forma significativa na qualidade de vida dos indivíduos, especialmente por sua relação com as doenças crônicas. Em estudo que contou com uma amostra composta por universitários na faixa etária de 20 a 29 anos, estudantes do final de cursos da área de saúde das universidades públicas do Estado de Pernambuco e foi verificado que o álcool e o tabaco foram consumidos pela maioria dos estudantes, sendo os percentuais significativamente mais elevados entre os estudantes do gênero masculino. Brandão; Pimentel; Cardoso (2011) em um estudo longitudinal com 154 alunos da Universidade de Aveiro de Portugal, das áreas de Economia, Administração, Engenharias, Comunicação, Letras, Educação e Saúde encontrou uma proporção significativa de estudantes universitários com fatores de risco para doenças crônicas como sobrepeso, tabagismo, sedentarismo, dislipidemia e hipertensão. Questiona-se o papel da universidade neste contexto, tanto quanto as implicações das condutas de saúde dos estudantes em sua prática futura (Colares; Franca; Gonzales, 2009).

Foram encontrados poucos artigos nacionais sobre o tema e a amostra dos estudos é variada, não se verificou estudos que tiveram como amostra alunos das Ciências Exatas, especificamente das Engenharias. Dos trabalhos encontrados, entre nacionais e internacionais,

foram constatados pontos comuns na abordagem em saúde mental dos alunos do Ensino Superior.

5. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para este estudo, apoiado na *Pesquisa orientada para problemas específicos* (Minayo, 2006), foram selecionados aleatoriamente quatro relatos de diferentes cursos para esta interlocução teórico-prática. Segundo a autora, a pesquisa orientada para problemas é uma modalidade operacional e visa ao conhecimento imediato. Fundamenta-se nos conhecimentos gerados por investigações básicas e os resultados visam a ajudar a lidar com questões práticas e operacionais. Os relatos dos alunos são os registros informais do trabalho realizado de Acompanhamento de Alunos. A partir dessas informações fez-se um levantamento dos temas recorrentes, articulando com a revisão teórica para a elaboração da discussão.

5.1 TRABALHO DE ACOMPANHAMENTO DE ALUNOS

Com a política de expansão da educação do Ensino Superior através do projeto de REUNI houve a contratação de novos servidores entre docentes e técnicos em diversas áreas nas IES. Muitos setores que contavam com apenas um servidor passaram a contar com uma equipe de trabalho, possibilitando alterações nos processos de trabalho nesses setores. Desta forma, foi possível direcionar um olhar sobre os altos índices de reprovações em disciplinas e o extenso prazo para a conclusão do curso, que vem se repetindo ao longo dos anos. A partir de 2009, com a contratação de novos servidores, surgiu na Escola de Engenharia desta IES pública a possibilidade de realizar um trabalho de investigação dos motivos do baixo desempenho acadêmico dos alunos de graduação com o intuito de intervir onde fosse possível. Os alunos dos cursos das Engenharias representam 15% do total de alunos desta instituição.

Este trabalho, chamado de Acompanhamento de Alunos, é realizado por Técnicas em Assuntos Educacionais, em duas etapas. Em um primeiro momento são analisados dados referentes ao número de créditos aprovados e reprovados nas disciplinas matriculadas por semestre. Aqueles que apresentam um número de aprovações baixo, ou de reprovações alto, são convidados, através de e-mail, para agendar uma conversa, a segunda etapa do acompanhamento. Nessa conversa são feitas perguntas, organizadas por um questionário que serve como um roteiro para o encontro, com a finalidade de conhecer o aluno. São realizados

registros informais desta conversa, em que se pergunta: a idade, com quem reside, o exercício de atividade remunerada, os motivos que levaram a escolher o curso, o desempenho no Ensino Médio, as impressões do primeiro semestre na Universidade, as dificuldades enfrentadas até o momento desde o ingresso, a forma como organiza o tempo, as atividades de lazer, as perspectivas para o futuro e, por fim, pedem-se sugestões do que poderia ser melhorado na Universidade. Após estas perguntas são explicadas algumas normas da Universidade, entre elas a que rege o desligamento do aluno da Universidade seja por insuficiência de desempenho, seja por exceder o prazo máximo de conclusão do curso. Entendemos ser fundamental, para o trabalho de Acompanhamento de Alunos com dificuldade de integralização do curso, o encontro presencial para conhecer o aluno, possibilitando um momento de escuta. Desses encontros foi percebido um grande número de alunos que passam por dificuldades emocionais - sofrimento psíquico - que acabam refletindo no rendimento nos estudos.

No início deste projeto, foram acompanhados os alunos que não estavam seguindo a seriação aconselhada do curso, ou seja, tinham disciplinas atrasadas em relação ao semestre correspondente ao de ingresso. Em um momento posterior decidiu-se que todos os alunos que ingressaram nos cursos entrariam na lista de acompanhamento. Procura-se fazer a atualização das planilhas onde são registrados os créditos aprovados e reprovados semestralmente, feito isso, são enviados os e-mails de convite aos alunos com baixo desempenho para o encontro presencial. Dessa forma, um aluno pode ser chamado mais de uma vez, de acordo com o desempenho apresentado.

5.2 RELATOS DE ATENDIMENTO

A seguir serão apresentados relatos de alguns alunos atendidos, como um recorte do trabalho de Acompanhamento de Alunos realizado:

O aluno A de 23 anos, do sexo masculino, não trabalha, encontrava-se no primeiro curso no Ensino Superior, é aluno do curso de Engenharia de Controle e Automação. Nasceu no interior do estado e divide apartamento com amigos. Considerou bom o seu ingresso na Universidade, por estar estudando para outros concursos não enfrentou dificuldade nas disciplinas de Cálculo e Física além de ter afinidade com a área das Ciências Exatas. Afirmou ter sido um aluno muito bom no Ensino Médio mesmo estudando muito pouco aprovava com

boas notas. Dos seis semestres cursados havia reprovado em 88 créditos e aprovado em 78 créditos, sendo os últimos dois semestres aqueles com mais reprovações e menos aprovações. Depois de quatro semestres começou a ter problemas para dedicar-se aos estudos, pois sua mãe adoeceu e ele precisou viajar de volta ao interior para acompanhar o tratamento médico. Na ocasião do encontro presencial de acompanhamento afirmava ter vontade de empenhar-se nos estudos para retomar um desempenho melhor e alegou sentir falta de apoio motivacional, que poderia ser através de um contato maior com a prática. No entanto, foi verificado que não houve melhora nos semestres seguintes.

O aluno B de 23 anos, do sexo masculino, no primeiro curso no Ensino Superior, é estudante do curso de Engenharia Elétrica. Desde o ingresso no curso divide apartamento com um amigo e recebe auxílio financeiro através de uma bolsa de trabalho da Universidade. Apesar de ter cursado oito semestres não se sentia seguro da escolha do curso. Encontrou dificuldade nas disciplinas dos semestres iniciais, o que desencadeou atrasos nos semestres posteriores. Afirmou sentir-se nervoso nas provas, alegou sentir falta de um contato mais próximo com seus colegas de Curso. Além das dificuldades em relação às disciplinas enfrentou a perda de um familiar, o que acarretou uma desestabilização emocional. Desde então faz tratamento psicológico. Disse sentir-se frustrado por não conseguir vencer o conteúdo. Este aluno havia acumulado em oito semestres 110 créditos reprovados contra 52 aprovados. Nos semestres que sucederam o encontro houve uma melhora no desempenho, com um aumento progressivo de créditos aprovados e redução nas reprovações.

O aluno C de 29 anos, do sexo masculino, no primeiro curso no Ensino Superior, é estudante do curso de Engenharia Civil. Também nasceu no interior do estado e mora sozinho. Por estar trabalhando, tem dificuldade de conciliar seus horários. Teve influência da família na escolha do Curso. Atribuiu as dificuldades enfrentadas desde o ingresso ao tempo de deslocamento gasto entre os campi da Universidade, residência e trabalho. Afirmou sentir angústia por estar atrasado no Curso em relação aos colegas que ingressaram no mesmo semestre. Por ter a necessidade de utilizar o tempo livre do final de semana para estudar acaba tendo poucas atividades de lazer. Recentemente houve o falecimento de um familiar além do diagnóstico de doença na sua mãe. Questionado sobre o suporte que a Universidade oferece afirma que não sente falta de apoio e que ele mesmo deve fazer a sua parte. Em seis semestres havia reprovado em 72 créditos e aprovado em 28. Pelo agravamento da doença da sua mãe, a graduação não tem sido sua prioridade.

A aluna D de 25 anos, do sexo feminino, no primeiro curso do Ensino Superior, é aluna do curso de Engenharia Química. Mora com a sua família, fez três vezes o concurso vestibular para o mesmo curso e afirmou gostar da área. Relatou iniciar bem os semestres, mas não consegue concluí-los. Há dez anos sofre de síndrome do pânico e tem transtorno obsessivo compulsivo. Nos momentos de crise acaba perdendo uma semana de aulas e não consegue recuperar o conteúdo das aulas presenciais, apesar de receber ajuda de colegas que repassam o material. Afirmou ter vontade de seguir no Curso e procurar um tratamento ideal para conseguir atingir este objetivo. Em 10 semestres havia reprovado em 106 créditos e aprovado em 40. Foi verificado que nos semestres seguintes a aluna apresentou conceito FF (falta de frequência) nas disciplinas matriculadas. Apesar de novas tentativas, a aluna não compareceu ao chamado para um novo atendimento.

Estes quatro alunos apresentaram número de créditos reprovados em valores próximos ou muito maiores do que os de créditos aprovados na ocasião do atendimento. Foi possível verificar das análises realizadas que houveram semestres cursados que as reprovações representaram a totalidade nas disciplinas matriculadas. Numa análise de rendimento escolar, esta situação pode ser interpretada como de falta de empenho dos alunos ou uma incapacidade cognitiva do estudante e sem o devido preparo que as escolas de Ensino Médio deveriam ter proporcionado antes do ingresso no Ensino Superior. Entretanto, o estado emocional de estudantes que se deparam com o histórico escolar repleto de notas e conceitos, como representativos do seu mau desempenho, não é mensurável. Se os sentimentos de vergonha e de frustração não tiverem um manejo adequado, pôde-se inferir que o aluno entra em um círculo de tentativas não bem sucedidas de alterar este quadro. Com a possibilidade destes encontros presenciais, permitiu-se ouvir os relatos dos motivos que levaram ao mau desempenho, conduzindo a uma melhor compreensão dos dados de desempenho deles. Além da escuta, esclarecimentos sobre normas de funcionamento e as informações de serviços oferecidos puderam ser dadas.

De forma geral, para concluir os cursos de Engenharia no tempo proposto pela organização do currículo, os alunos devem aprovar uma média de 26 créditos por semestre. Um número menor a este representa um aumento progressivo no tempo de conclusão do curso. Há de ressaltar-se que existe um prazo máximo para conclusão do curso, não cumprindo este prazo o aluno é desligado. Ocorrendo isso, se houver interesse em finalizar o curso, este deve passar novamente pelo processo seletivo para atender as exigências curriculares que não foram integralizadas no ingresso anterior. E, dependendo da IES, há

ainda a exigência de um desempenho mínimo para que a sua vaga seja assegurada, fazendo com que alunos com baixo rendimento sejam desligados por insuficiência de desempenho.

Dos demais alunos que foram atendidos, alguns continuam procurando o setor onde fizeram o encontro presencial para tirar dúvidas de como seguir no curso diante das dificuldades encontradas. Aos alunos que se verifica que, mesmo após o atendimento, continuam apresentando dificuldade de desempenho é enviado novo convite para conversa para esclarecimentos ainda necessários, visando à melhora no seu rendimento, considerando as suas possibilidades.

6. DISCUSSÃO

A partir do material dos relatos apresentados e dos atendimentos realizados pelo trabalho de Acompanhamento de Alunos desde 2009 foram levantadas questões e informações que serão discutidas em diálogo com a revisão bibliográfica.

Idade

É verificada heterogeneidade de faixas etárias entre os estudantes atendidos, as idades variam entre 17 a 53 anos. Alguns são egressos recentes do Ensino Médio, outros já tiveram experiência em outra IES ou curso e outros, pela necessidade de exercer atividade remunerada, dividem o tempo entre trabalho e estudos. Esta faixa de idade foi encontrada em outros estudos, predominando a média de idade na faixa dos 20 a 25 anos (Gutiérrez Rodas et al., 2010; Zivin et al., 2009). A diferenciação feita nas análises foi relativa ao tempo de ingresso, separando-se calouros (Santos; Veiga; Pereira, 2010) e alunos com tempo maior de curso (Gutiérrez Rodas et al., 2010). No entanto não foi encontrado consenso entre os resultados das variáveis avaliadas.

Com quem reside

Os alunos, principalmente os oriundos de outras cidades, saem da casa de seus pais ao ingressar na Universidade e passam a dividir a moradia com familiares, amigos ou desconhecidos, quando passam a morar em repúblicas. Apesar de esta saída ser vista como

início de uma independência em relação aos pais, não necessariamente representa a conquista de uma autonomia plena, pois a nova moradia exige novas responsabilidades, além da maturidade requerida para tanto. Nessa nova condição, não há a supervisão de um responsável tanto para as tarefas cotidianas como para as atividades acadêmicas. O gerenciamento dos gastos, realização de tarefas domésticas, como lavar roupa, limpeza da casa, compras, preparo de refeições passam a fazer parte da sua rotina. Alguns se deparam com um paradoxo, por um lado precisam do apoio da família, mas devido à exigência de dedicação do tempo aos estudos, há a privação de algumas atividades em família para poder cumprir com as obrigações. Costa; Leal (2004) destacam que os sujeitos estudados têm como denominador comum a descontinuidade nos padrões de vida caracterizada pelo início do novo ciclo que a recente entrada para o Ensino Superior representa.

Atividade remunerada

Se por um lado há a exigência de uma grande dedicação fora do tempo em sala de aula aos estudos para a realização de exercícios de fixação, aprofundamento ou revisão dos conteúdos e preparação para as provas, também existe a necessidade manter uma atividade remunerada, sendo esta exclusiva para o seu sustento ou para complementar a renda familiar. Uma realidade comum a muitos alunos, mas por vezes incompatível com a exigência dos estudos nos cursos de Engenharias. Houve relatos de alunos que precisaram optar por uma das atividades para seguir com a outra. Apesar dos serviços oferecidos pela Universidade, o valor do benefício oferecido pelos diversos programas de bolsas e auxílio financeiro não são suficientes para o sustento do aluno nesses casos. Segundo Cerchiarri et al (2005) a falta de atividade remunerada interferiu negativamente na saúde mental geral, haja vista que os estudantes que se encontravam nessa situação apresentaram escores significativamente maiores dos apresentados por aqueles estudantes que estavam empregados ou realizando estágios remunerados.

Motivos da escolha do Curso

Dentre os motivos que levaram à escolha do curso, são destacadas a influência familiar e a identificação com a área das exatas. Além disso, o mercado de trabalho promissor, por haver uma grande demanda por profissionais com uma remuneração alta, e a possibilidade de

trabalhar no exterior ou seguir carreira acadêmica são fatores que influenciam a escolha. Entendemos ser importante a identificação do aluno com o Curso escolhido como parte da adaptação do aluno na Universidade. Costa; Leal (2008) aponta que quanto melhores forem as imagens e expectativas pessoais em relação ao rendimento acadêmico ou em relação a conclusão do curso, e quanto mais o aluno sentir-se apoiado pelos pais, pelos professores e pelos pares, maior será o grau de satisfação com a vida, o que leva a melhores níveis de saúde mental.

Desempenho no Ensino Médio

Os alunos percebem uma grande diferença na dificuldade entre o Ensino Médio e a do Ensino Superior. Há muitos relatos que pra obter boas notas não era necessário estudar muito e ser reconhecido como um bom aluno. No entanto esta percepção muda drasticamente já no primeiro semestre do curso nas disciplinas de conteúdo básico como as disciplinas de Cálculo e Física, em que os primeiros registros de reprovação começam a constar nos históricos das atividades cursadas. Os alunos relatam receber listas de exercícios extensas para serem resolvidos como preparação para as constantes avaliações realizadas ao longo do semestre. Notas mínimas para aprovação passam a ser comemoradas, pois o mais importante passa a ser a aprovação, independente do conceito obtido. Loder (2000) reconhece que a má preparação pré-universitária tem reflexos nos elevados índices de reprovação.

As impressões do primeiro semestre

O relato da maioria dos alunos é de que se percebe um ritmo mais intenso de estudos e conteúdos mais extensos. E, se não consegue acompanhar este ritmo, as reprovações passam a ser recorrentes, gerando frustração. A didática adotada pelos professores muitas vezes não é adequada para a complexidade dos temas abordados. Exige-se uma grande capacidade de organização para conseguir adaptar-se a esta demanda. As relações com os colegas são menos próximas, bem como com os professores. Identificamos carências da Universidade em oferecer uma preparação às disciplinas mais complexas para suprir as consequências da precarização do Ensino Médio tanto de escolas privadas como de escolas públicas, além de serviços de assistência estudantil para dar condições adequadas para o aluno poder estudar. Entendemos ser fundamental o aluno conhecer a Universidade e ter o sentimento de que

pertence a esse lugar aonde circula e que passará por um tempo médio de cinco anos nesse lugar. Feldman et al. (2008) verificaram uma tendência de que o número de semestres cursados na universidade esteve relacionado com o rendimento acadêmico, indicando que à medida que se avança a formação profissional também aumenta o desempenho acadêmico.

Dificuldades encontradas

Nesse item somam-se, a grande diferença de dificuldade percebida entre o Ensino Médio e o Curso de Graduação, conteúdos extensos, problemas pessoais, falta de motivação pelo pouco contato com a prática, pois nos semestres iniciais as disciplinas cursadas são básicas (Matemática, Física, Química, Desenho e Informática), a didática utilizada por alguns professores, dificuldade de organização do tempo. A cada reprovação há um aumento da frustração e da autocobrança, levando a uma baixa autoconfiança que reflete em um nervosismo excessivo que prejudica a realização de avaliações seguintes. Foi bastante comum o relato de sentirem ansiedade e ocorrerem esquecimento no momento da realização de provas, mesmo tendo estudado e dominado o conteúdo. Além disso, os alunos relatam certa frieza nas relações, tanto com os professores como com colegas de curso, pois as atividades de integração entre alunos têm sido pouco apoiadas. Loder (2000) numa análise do ensino da Engenharia no Brasil aponta alguns fatores que possam estar relacionados aos elevados índices de reprovações e retenções nos semestres iniciais desses Cursos. Um dos fatores associados é o modelo pedagógico de ensino utilizado, centrado na figura do Professor, como agente principal do processo, o que torna o processo de aprendizagem como secundário. O professor por sua vez, é um Engenheiro de formação profissional que na seleção para o cargo de docente em IES públicas tem valorizado a maior produção técnica/científica em detrimento da competência didática. É destacada a precária formação pedagógica dos professores que atuam na área o que torna menos eficiente o processo de ensino-aprendizagem, embora não se coloque em questão o conhecimento técnico deles. A autora ressalta a parcela de responsabilidade dos docentes no processo educativo, numa perspectiva de co-responsabilização dos diferentes atores, pois, predominantemente focalizam-se no estudante todas as dificuldades encontradas nos cursos de engenharia, refutando a individualização do problema.

Organização do tempo

Há dificuldade de contemplar propostas realistas de organizar o tempo, que se possam cumprir, de forma equilibrada, o tempo de estudo com o de descanso e atividades de lazer, considerando o tempo necessário para o deslocamento entre os campi e o cumprimento de suas responsabilidades extra-classe. Essa dificuldade em gerenciar o tempo acaba refletindo na quantidade e na qualidade das horas de estudo, gerando mais angústia. Segundo Almondes; Araújo (2003) foi verificado que o padrão do ciclo de sono-vigília sofre influência da ansiedade em alunos em um estudo realizados com alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Egan; Moreno (2011) ao analisar o relato de estresse nas redes sociais, verificou que 30% da amostra composta por calouros de uma universidade americana reportaram nos seus perfis sentirem-se sobrecarregados.

Redes de apoio

Segundo os relatos, aos se deparar com uma situação de dificuldade, há uma tendência de retraimento, principalmente se houveram situações frustradas de conseguir ajuda. Uma alternativa de apoio são os grupos de estudos com colegas. Onde há a possibilidade de tirar dúvidas, dividir sentimentos comuns além de criar laços afetivos. A Universidade oferece serviços de atendimento psicológico, tanto através de atendimentos individuais como pela realização de atividades em grupos no formato de oficinas com o propósito de auxiliar em questões acadêmicas. Os serviços de assistência estudantil oferecem auxílios moradia, bolsas de trabalho além de atendimento médico-odontológico. Tomando o conceito de desenvolvimento local, as políticas locais deveriam ser descentralizadas, integradas e convergentes; intersetoriais, promovidas por meio de alianças, flexíveis. No sentido de desenvolver a cidadania deveriam ser estimulados os protagonismos policêntricos, a horizontalização das relações entre grupos e pessoas, o surgimento e o funcionamento de redes e atores sociais (Akerman, 2005). A partir desse conceito permite-se pressupor a abertura de diálogo entre alunos e diferentes setores da IES, reduzindo a rigidez imposta nas relações em que os estudantes devem enquadrar-se a um padrão para ter acesso, por exemplo, a algum serviço. Acredita-se que isto torna mais viável uma forma de vivenciar a Universidade de uma forma mais ativa e menos passiva, construindo a sua formação profissional integrada ao desenvolvimento como cidadão ativo da sociedade.

Atividades de lazer

Poucos alunos conseguem manter uma atividade de lazer de forma regular. Estas atividades são deixadas de lado para que possam se dedicar aos estudos. Embora reconheçam que há uma melhora na sensação de bem-estar quando mantidas, o que seria um contraponto para a alta demanda exigida pelos estudos, os alunos relatam dificuldade em manter estas atividades na sua rotina por terem que priorizar outras. Apesar de não ser verbalizado, mas percebeu-se que muitos deixam o lazer de lado por terem um sentimento de culpa se não aproveitarem o seu tempo livre estudando. Segundo Beuter; Alvim; Mostardeiro (2008) o lazer representa a saída da rotina, a busca por momentos de prazer e a ruptura com a tensão do cotidiano atribulado. O lazer se coloca em contraposição ao contexto acadêmico, muitas vezes, desgastante, extenuante e estressante, como forma do futuro profissional usufruir de momentos de expressão da criatividade, de gozo, de ocupação de espaços e tempos, de brincar, de festejar, de rir. Considerando a visão de integralidade do ser humano, o ideal seria que os indivíduos praticassem atividades que abrangessem as áreas de interesse do lazer, o que os levaria a exercitar o corpo, a imaginação, o raciocínio, a destreza manual, as relações sociais, da forma mais ampla possível.

Perspectivas para o futuro

Quando questionados sobre as perspectivas para o futuro, graduar-se tem sido a resposta mais comum, numa forma de alívio de cumprir com uma obrigação que em alguns momentos parece insuperável. A resposta parece óbvia, mas alguns alunos, como estes com dificuldade de desempenho, acabam entrando num ciclo de reprovações que continuar no curso se torna um percurso difícil de vencer semestre a semestre. Em momentos de dificuldade a projeção sobre o futuro pode ser um exercício de ruptura de uma realidade de sofrimento, pois ao superar as dificuldades pode-se chegar a um fim desejado, como justificativa por alguns sacrifícios. Costa; Leal (2008) destaca como fator relevante para o investimento no percurso escolar, e conseqüente adaptação acadêmica, o fato de gostar do Curso e vislumbrar perspectivas de boas saídas profissionais, bem com existência de projetos de trabalho derivados da decisão vocacional.

O Acompanhamento de Alunos

Do trabalho realizado de Acompanhamento de Alunos verificou-se que, para aqueles que se mostraram dispostos a conversar sobre as suas dificuldades, o espaço representou um lugar de acolhimento em que a escuta é valorizada. Em alguns casos a conversa fluiu num tom de desabafo dos relatos de sofrimentos vividos, evidenciando a necessidade deste espaço de conversa. Os relatos não se referem a uma questão pontual que surge no decorrer da vida acadêmica, e sim de um conjunto de fatores de diversas ordens que geram um quadro de sofrimento que perdura por um determinado período da vida do sujeito. Alguns alunos relataram satisfação em saberem deste acompanhamento por sentirem que estão sendo supervisionados. Embora demonstrem ter consciência de que mudanças de atitudes são necessárias eles mostram sentirem-se amparados ao terem suas dificuldades questionadas. E, a partir da verbalização do problema enfrentado, abrir-se para receber apoio para seguir dedicando-se aos estudos respeitando as suas possibilidades.

Ao ingressar no Ensino Superior ocorre um rito de passagem do estudante em que é exigida uma postura mais autônoma em relação aos pais e dentro do ambiente universitário. Com isto, o estudante necessita ajustar-se a todo um conjunto de mudanças, e o apoio encontrado junto dos pais, na família e nos professores, parece ser decisivo para este processo. No entanto, se não encontra, ou não identifica este suporte, ou se tende a não solicitar a ajuda de que necessita para os seus problemas, pode desenvolver defesas que levam a um retraimento emocional menos compatível com o bem-estar psicológico, mas que igualmente auxiliam no processo de ajustamento, reduzindo os níveis de ansiedade e depressão (Costa; Leal, 2004). Com o ingresso no Ensino Superior a supervisão dos pais passa a ser menor e mais distante, especialmente nos casos em que o estudante muda de residência, saindo da casa dos pais. O acompanhamento por parte dos docentes também é diferente se comparado ao recebido no Ensino Médio. As turmas nas disciplinas são heterogêneas, elas variam em número e nas pessoas que a compõem, pois o seu oferecimento pode ser feito para cursos distintos. Diante disso, é comum o relato de alunos sentirem-se deslocados em relação à determinada turma e isolarem-se por não conseguirem criar laços. Não há um sentimento de identificação com o conjunto de pessoas que se convive no dia-dia da academia. Assim, no ambiente de atendimento oferecido, esses alunos sentem-se acolhidos.

Por acolhimento entende-se a postura do trabalhador de colocar-se no lugar do usuário para sentir quais são suas necessidades e, na medida do possível, atendê-las ou direcioná-las

para o ponto do sistema que seja capaz de responder àquelas demandas (Ramos; Lima, 2003). Silva Júnior; Mascarenhas (2009) apud Schmidt (2009) destacam três dimensões do acolhimento: postura, técnica e reorientação do serviço. A postura implica a atitude humanizada e receptiva dos profissionais ao receber, escutar e tratar as demandas dos usuários; a técnica é a utilização do saber profissional ou da equipe multiprofissional para produzir respostas; e, a reorientação do serviço, a busca por capacitação. Corroborando com estes conceitos, o atendimento aos alunos acontece em um ambiente onde é assegurada possibilidade de escuta. Entendendo-se como parte do acolhimento ajudar o aluno a dimensionar os problemas enfrentados, nem os subestimando nem os superestimando. De acordo com as necessidades demandas, são realizados os encaminhamentos para outros setores da Universidade que oferecem serviços aos estudantes. Como o Acompanhamento de Alunos é pouco divulgado, a reação dos alunos no início do atendimento é de apreensão, após apresentação da proposta e das primeiras perguntas os alunos começam a reconhecer o espaço como de escuta. Procura-se assegurar ao aluno o caráter educacional de conversa, sem julgamentos e críticas, mas de construção de uma nova postura diante do cenário apresentado.

Por outro lado, houveram alunos atendidos que apresentaram uma postura de enfrentamento, demonstrando certo desconforto em serem questionados sobre o seu desempenho. Apesar de um grande escopo de alunos serem avaliados e convidados para este atendimento apenas, em torno de, um décimo dos alunos que se enquadrariam em situação de baixo desempenho realiza o agendamento para a conversa. Isso talvez ocorra pelo receio de serem repreendidos ou cobrados pelo desempenho apresentado, ou até mesmo pode representar uma forma de não enfrentar uma situação que exige mudança de atitude. Percebeu-se também que há entre esses alunos uma resistência em expor sua necessidade de ajuda. Como se eles tivessem alguma obrigação de apresentarem boas notas e ter facilidade de assimilação dos assuntos tratados em aula, como costumavam ter enquanto cursavam o Ensino Médio. O insucesso acadêmico não era o esperado e reconhecer isso é doloroso e frustrante. Verificou-se que quanto mais tempo o aluno demora a recorrer a qualquer ajuda, aumenta o seu distanciamento em relação a outros colegas de curso e de seus familiares.

Zivin et al. (2009) em um estudo longitudinal realizado com estudantes de uma universidade pública americana encontrou que um terço da amostra apresentava problemas de saúde mental e que havia um baixo nível de percepção da necessidade de ajuda e também a baixo uso dos serviços de saúde oferecidos. Da amostra participante do estudo de Yorgason; Linville; Zitzman (2008), 33% relataram não utilizar os serviços de saúde mental porque eles

não tinham tempo para fazê-lo, demonstrando resistência à procura de ajuda. O autor sugere que para um acesso eficiente, os serviços de saúde mental da universidade deveriam considerar serviços adaptados para atender os alunos com carga horária alta de estudos, disponibilizando abordagens alternativas tal como serviços *online* ou terapias breves. Outro dado encontrado é que 36% dos participantes disseram que não usariam os serviços de saúde, mesmo que estivessem precisando por acreditarem que não poderiam ajudá-los ou não tinham interesse em falar com estranhos. O objetivo deste trabalho de Acompanhamento de Alunos é de conhecer a situação do aluno e de fornecer informações importantes do funcionamento da Universidade para que concluam com êxito a graduação. Sabe-se que as disciplinas oferecidas nos cursos de Engenharias exigem alta complexidade cognitiva, por isso entendemos que o ambiente ao redor do aluno deve favorecer este processo de aprendizagem e de formação profissional. Nesse sentido, faz-se necessária a preocupação com o seu bem-estar.

Através de informações obtidas da literatura verificou-se um grande número de indícios de problemas de saúde entre os alunos universitários, o que evidencia a necessidade de um projeto político-pedagógico que vise o bem-estar dessa população e promoção da saúde mental, diagnóstico e tratamento precoce (Cerchiari et al, 2005). Santos; Veiga; Pereira (2010) ressaltam a necessidade de maior envolvimento das IES na prevenção e promoção da saúde mental, não apenas através do aconselhamento e psicoterapia, mas também através de meios alternativos que alcancem um maior número de estudantes que não apresentem ainda patologia, mas possam estar em risco. Uma estratégia possível, que tem sido colocada em prática internacionalmente e, há uns anos em Portugal, é o *peer counseling*, ou seja, o processo no qual estudantes treinados e supervisionados ajudam outros estudantes com problemas pessoais e acadêmicos, oferecendo relações de apoio. As instituições conseguem, deste modo, oferecer uma alternativa de apoio psicológico, a baixo custo, aos serviços profissionais de aconselhamento. Os estudantes com dificuldades encontram muitas vantagens nesta modalidade, como o fato de terem ajuda para dificuldades transitórias e poderem falar num ambiente mais informal, sem o estigma de consultar um profissional. Para, além disso, é sugerido o desenvolvimento de estratégias vocacionais para melhorar o bem-estar, como *workshops* sobre técnicas de gestão do estresse e relaxamento. Assim, as instituições deverão desenvolver estratégias não apenas para aqueles alunos que apresentam possível psicopatologia, mas deverão criar, paralelamente, iniciativas de prevenção e promoção da saúde mental através de meios diversos como o *peer counseling* ou aconselhamento de pares.

Cunha; Carrilho (2005) chamam a atenção para o desenvolvimento integral do aluno e ressaltam a importância da discussão dos objetivos educacionais das universidades, primando o desenvolvimento humano. Em destaque aos alunos recém-chegados ao Ensino Superior, com a implementação de programas psicopedagógicos que facilitem à adaptação a vida acadêmica. Os autores entendem ser importante a criação de um espaço que contribua para a formação integral do ser humano, considerando principalmente que os componentes, emocional e cognitivo, são parte integrante do mesmo. Além disso, ainda com o objetivo de promover o desenvolvimento global do aluno, as IES deverão alargar as suas funções permitindo a elaboração de propostas de intervenções preventivas que assegurem o sucesso acadêmico.

O autor Emerson Merhy (2005), em seu texto “Integralidade: implicações em xeque” aborda a integralidade como um campo de práticas de saúde em que a 'alma' deve ser a produção de novos sentidos para viver o individual e o coletivo, defendendo o envolvimento destes sujeitos com a construção de um conviver solidário. O autor destaca a ação dos profissionais envolvidos e a qualidade de seus serviços para tal fim:

Pode-se criar a seguinte imagem: pensar as cenas na perspectiva de uma micropolítica de encontros de distintos sujeitos. De posse dessa ideia, da micropolítica de encontros, podemos olhar, de novo, para todas as cenas / acontecimentos. Não mais sob a ótica de que o presente instituído é duro, definido e dado, e que o futuro já estaria feito. Mas, sob o olhar de “lugares” onde se encontram ou se relacionam territórios e sujeitos, em acontecimentos. E, aí, todas as cenas podem expressar outras possibilidades: nelas existem sujeitos, territorializados e em desterritorializações, encontrando-se nas suas dificuldades, comensalidades, nas suas possibilidades, lutas; ali há encontros de territórios e sujeitos em movimento (2005, p. 03).

Pode-se inferir que o oferecimento de serviços pode não atingir um fim desejado se movimentos dentro destes não forem constantes para acompanhar a dinâmica das relações que acontecem. Nesse sentido, evidencia-se que a forma como um trabalhador coloca-se à disposição no serviço prestado e a eficiência e o comprometimento das redes de serviços devem ser aprimorados para poder proporcionar a promoção da saúde desejada no público

atendido e que, principalmente, carece do suporte para alterar a perspectiva da forma como o presente está sendo vivenciado.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo fazer um levantamento e discussão das situações em que estão inseridos os alunos que apresentam algum sofrimento psíquico e por consequência apresentam baixo rendimento acadêmico. Foi realizada uma revisão de literatura a respeito do tema e uma interlocução desta revisão com os recortes de relatos de atendimentos realizados no trabalho de Acompanhamento de alunos em uma IES pública. O interesse em desenvolver este estudo surgiu de uma considerável frequência de relatos de baixos níveis de bem-estar com reflexo na saúde mental do aluno, verificado naqueles que apresentam baixo desempenho acadêmico. Uma melhor compreensão dos processos desta dinâmica e meios para abordá-los se fez necessário investigar.

Verificou-se na revisão de literatura e no depoimento dos alunos que a saúde mental tem reflexo nas condutas de saúde geral. Através de um desencadeamento de fatores que sucedem o empobrecimento da saúde faz-se imperiosa a intervenção de agentes para recriar essa perspectiva. É inegável a contribuição das IES nos avanços científico-tecnológicos produzidos. A constante busca pela excelência acadêmica pode induzir a um aumento na concorrência nos processos seletivos para ingresso nestas instituições. Apenas os melhores colocados conseguem obter a tão desejada vaga. Esperam-se destes novos alunos desempenho suficiente para fazer jus ao merecimento desta vaga. Em meio à busca pela primazia científica e pela concorrência instaurada, o desenvolvimento integral do sujeito, futuro profissional, não tem espaço de destaque nas grades curriculares dos cursos e também na forma de serviços ofertados aos discentes. Atividades que visem interferir nos comportamentos de saúde como o do uso excessivo de álcool e drogas, estas também na forma de medicamentos ansiolíticos, e adoção de hábitos saudáveis têm pouco espaço. Os serviços de assistência aos estudantes têm ações pouco expressivas como intervenções transformadoras. O ambiente dentro das IES pode ser interpretado como local de adoecimento em casos em que se omite a atenção aos sujeitos envolvidos e se exige certa normatividade na continuidade dos estudos.

Além disso, ainda das informações obtidas da literatura pesquisada e da experiência com os alunos atendidos, inferiu-se que os calouros merecem especial consideração referente à adaptação a um sistema novo de operar como estudante do Ensino Superior. Autonomia, disciplina e dedicação precisam ser amadurecidas para acompanhar o intenso ritmo de estudos

impostos em alguns cursos. O suporte social contribui para a aquisição destas qualidades e pode ser advinda da família, pares, professores. A exigência cognitiva elevada do conjunto de disciplinas que compõe a grade curricular de alguns cursos tende a favorecer comportamentos introspectivos, assim as relações interpessoais são pouco estimuladas. Em face de dificuldades encontradas pelos alunos, se laços afetivos não forem criados, há uma propensão para que os sujeitos isolem-se. A conquista de uma vaga no Ensino Superior pode acabar tendo um peso demasiadamente negativo para os alunos que não conseguem seguir com sucesso no fluxo proposto. O que deveria ser motivo de orgulho acaba gerando sofrimento e auto cobrança em níveis contraproducentes. Por isso é destacada a importância de intervenções que possam contribuir para a qualidade na adaptação ao aluno ingressante à Universidade e que se possa vivenciar esta nova etapa sem prejuízos à saúde.

Foi verificado que um conjunto de fatores tem influência nesta relação de sofrimento psíquico e baixo rendimento. Por ainda ser realizado informalmente e ainda em fase de ajustes, o Acompanhamento de Alunos de forma longitudinal e sistemática não está sendo realizado. Têm-se reunido esforços para que esta forma de assistência aos alunos, especialmente aos que apresentam dificuldades em algum momento do curso, seja sistematizado e que evolua para um acompanhamento efetivo dos mesmos, contando com a parceria de serviços que oferecem assistência estudantil e atendimento psicológico. Espera-se o acompanhamento contribua com a redução dos índices de reprovações, intervindo sobremaneira sobre os índices de desligamento e evasão de alunos por desempenho insatisfatório. Somado a isso, estratégias devem ser elaboradas de forma conjunta com os diversos setores para suprir as lacunas verificadas. Uma possibilidade que está sendo estudada é a realização de encontros em grupo, com o intuito de proporcionar um dispositivo coletivo de apoio. Ademais, da constatação de que os alunos precisam ter uma supervisão, sem que esta interfira no desenvolvimento da autonomia, mas que sirva como uma orientação, os espaços de conversa devem ser valorizados e propiciados. Com isso se poderia dar vazão ao sentimento oprimido dos obstáculos enfrentados, pois se percebe uma invisibilidade dessa conjuntura. Como dito anteriormente, um baixo desempenho acadêmico pode ser mal interpretado se apenas forem analisados números como, as notas de avaliação de disciplinas. Há um sujeito por trás desses números que tem potencialidades a serem desenvolvidas. Em meio às dificuldades, o sentimento de culpa e frustração faz com que ele se retraia dos grupos que circula envergonhado do seu histórico.

Em conformidade com o dito por Merhy; Feuerwerker; Cerqueira (2010):

(...) todos podem acolher, escutar, interessar-se, contribuir para a construção de relações de confiança e conforto. E como cada qual faz esse movimento desde um determinado ponto de vista, mobilizando saberes específicos e sabedoria adquiridos a partir de vivências concretas, o compartilhamento desses olhares certamente amplia e enriquece as possibilidades de compreender e comunicar-se com os usuários (p. 11)

O que se propõe como meios de intervir na promoção de saúde no espaço acadêmico dispensa grandiosos investimentos financeiros ou reestruturação de infraestrutura, mas de estabelecimento de integração dos diversos setores que oferecem serviço de apoio e assistência e um canal de comunicação aberta aos alunos.

Com o advento das tecnologias de comunicação, dispositivos de contato virtual também podem ser uma eficiente opção de comunicação, quando os frequentes encontros presenciais forem impossibilitados devido à distância ou à falta de tempo. Dessa forma poderia ser suprida a necessidade detectada dos alunos poderem expressar sobre as barreiras encontradas no decorrer da vida acadêmica. Mesmo que o caráter informal das conversas tenha a tendência de deixá-los mais à vontade do que se estivesse em um consultório, uma diretriz de trabalho deverá ser discutida e utilizada.

Essas transformações dependem de vários atores e, diante de uma situação de adversidade a responsabilização não é apenas do sujeito. A promoção de atividades extraclasse de integração dos discentes pode favorecer o surgimento de laços entre eles, pois as relações entre pares também são fundamentais como suporte social. Acredita-se que poderá ser interessante o incentivo de trocas de experiências entre os alunos, os que têm facilidade em compreender o conteúdo e os que precisam de ajuda. São grupos que compartilham do mesmo espaço, mas tem perspectivas diferentes.

A qualificação da didática dos docentes está sendo revista nessa co-responsabilização dos problemas de reprovações. Docentes, técnicos, assistentes sociais, psicólogos, pedagogos e a família têm incumbência de atuar de forma positiva. A saúde é promovida pela qualidade das relações estabelecidas.

É salutar a atuação do Governo Federal nas ações de reestruturação do Ensino Superior, tanto pelo aumento pelas vagas ofertadas como pelas facilidades de acesso, seja pela implementação de reserva de vagas ou pela concessão de bolsas de estudos e melhores condições de financiamento das taxas de mensalidades. É uma tentativa de facilitar que uma maior parte da população tenha acesso ao Ensino Superior. Há de ressaltar-se que tanto nas

IES públicas como privadas precisam ajustar-se as ações direcionadas aos alunos para receber um corpo discente cada vez mais heterogêneo, com necessidades diferentes. Nas IES públicas em que os alunos passam por um processo seletivo concorrido em que os melhores colocados conseguem a vaga é importante que se desenvolvam projetos de suporte pedagógico aos oriundos de escolas que oferecem um preparo insuficiente para determinadas áreas de conhecimento. Pois ficou evidenciado, através da conversa com os alunos, que as dificuldades encontradas nos primeiros semestres têm relação com o conhecimento que já deveria ser prévio ao do ingresso no Ensino Superior. Já nas IES privadas, os serviços de assistência são oferecidos em número reduzido, por vezes os serviços prestados têm custos altos aos estudantes. A relação estabelecida entre alunos e instituição de ensino se parece mais uma relação comercial, em que serviços são vendidos àqueles que podem comprar.

As formas de acesso a IES sofreram alterações nos últimos anos e é fundamental que se estude com profundidade as condições de permanência dos estudantes considerando a diversidade e tendo um olhar de não normatização das vivências e necessidades dos diversos grupos que compõe o corpo discente. O contato direto de servidores técnicos da instituição com os alunos favorece a aquisição dessas informações, o que possibilitou a realização do presente trabalho. Além da continuidade deste, outros devem ser desenvolvidos explorando a pluralidade do tema para qualificar as ações realizadas como processo do contínuo desenvolvimento da Educação.

8. REFERÊNCIAS

ALMONDES, Katie Moraes de; ARAÚJO, John Fontenele de. Padrão do Ciclo Sono-Vigília e sua Relação com a Ansiedade em Estudantes Universitários. **Estudos de Psicologia**. 2003; 8 (1) 37-43.

AKERMAN, Marco. Saúde e desenvolvimento local, princípios, conceitos, práticas e cooperação técnica. São Paulo: Hucitec, 2005. 151 p.

BALANZA GALINDO, Serafín; MORALES MORENO, Isabel; GUERRERO MUÑOZ, Joaquín. Prevalencia de Ansiedad y Depresión em uma Población de Estudiantes Universitarios: Factores Académicos y Sociofamiliares Asociados. **Clinica y Salud**. 2009; 20(2): 177-187.

BEUTER, Margrid; ALVIM, Neide Aparecida Titonelli; MOSTARDEIRO, Sadjá Cristina Tassinari de Souza. O Lazer na Vida de Acadêmicos de Enfermagem no Contexto do Cuidado de Si para o Cuidado do Outro. **Texto Contexto Enfermagem**. 2005; 14(2): 222-228.

BRANDÃO, Maria Piedade; PIMENTEL, Francisco Luís; CARDOSO, Margarida Fonseca. Impacto da Exposição Académica no estado de Saúde de Estudantes Universitários. **Revista Saúde Pública**. 2011; 45(1): 49-58.

CANGUILHEM, Georges. O Normal e o Patológico. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CERCHIARI, Ednéia Albino Nunes; CAETANO, Dorgival; FACCENDA, Odival. Prevalência de Transtornos Mentais Menores em Estudantes Universitários. **Estudos de Psicologia**. 2005; 10(3): 413-420.

COLARES, Viviane; FRANCA, Carolina da; GONZALEZ, Emília. Condutas de Saúde entre Universitários: diferenças entre gêneros. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2009; 25(3): 521-528.

COSTA, Etã; LEAL, Isabel. Estratégias de *Coping* e Saúde mental em Estudantes Universitários de Viseu. Acta do V Congresso Nacional de Psicologia de Saúde Organizado por J. Ribeiro e I. Leal 2004, Lisboa.

COSTA, Etã; LEAL, Isabel. Um Olhar sobre a saúde Psicológica dos Estudantes do Ensino Superior – avaliar para ntervir. Actas do 7º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde

Organizado por Isabel Leal, Jose Luis Pais Ribeiro, Isabel Silva e Susana Marques. 2008, Porto: Universidade do Porto.

CUNHA, Simone Miguez; CARRILHO, Denise Madruga. O Processo de Adaptação ao Ensino Superior e o Rendimento Acadêmico. **Psicologia Escolar e Educacional**. 2005; 9(2): 215-224.

EGAN, Katie G.; MORENO, Megan A. Prevalence of Stress References on College Freshmen Facebook Profiles. **Comput Inform Nurs**. 2011; 29(10): 586-592.

FELDMAN, Lya; GONCALVES, Lila; CHACÓN-PUIGNAU, Grace; ZARAGOZA, Joanmir; BAGÉS, Nuri; PABLO, Joan de. Relaciones entre Estrés Académico, Apoyo Social, Salud Mental y Rendimiento Académico em Estudiantes Universitarios Venezolanos. *Univ. Psychol. Bogotá, Colombia*. 2008; 7(3): 739-751.

GUTIÉRREZ RODAS, Javier Antonio; MONTOYA VÉLEZ, Liliana Patricia; TORO ISAZA, Beatriz Eugenia; BRINÓN ZAPATA, María Adelaida; ROSAS RESTREPO, Esmeralda; SALAZAR QUINTERO, Luz Elena. Depresión em Estudiantes Universitarios y su Asociación com el Estrés Académico. **Rev CES Med**. 2010; 24(1) 7-17.

http://portal.mec.gov.br/cotas/docs/lei_12711_2012.pdf Acesso em: 07 jan. 2013.

LODER, Liane Ludwig. A Construção do Conhecimento e o Ensino de Engenharia. Disponível em http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2000/Aprendizagem_e_conhecimento/Comunicacao/11_50_20_3052.pdf>. Acesso em: 26 out. 2012.

MERHY, Emerson Elias. Integralidade: implicações em xeque. 2005. Disponível em < <http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/artigos-13.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

MERHY, Emerson Elias; FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz; CERQUEIRA, Maria Paula. Da Repetição a Diferença: construindo sentidos com o outro no mundo do cuidado. 2010. Disponível em < <http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/capitulos-21.pdf>> Acesso em: 07 jan. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 9 ed. Revista e Aprimoramento, São Paulo: Hucitec, 2006.

http://prouniportal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=124&Itemid=140 Acesso em: 07 jan. 2013.

RABELLO, Lucíola Santos. Promoção da Saúde: a construção social de um conceito em perspectiva comparada. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010. 228p.

RAMOS, Donatela Dourado; LIMA, Maria Alice Dias da Silva. Acesso e Acolhimento aos Usuários em uma Unidade de Saúde de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro. 2003;19 (1): 27-34.

http://reuni.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=25&Itemid=28

Acesso em: 07 jan. 2013.

SANTOS, Luísa; VEIGA, Feliciano; PEREIRA, Anabela. Bem-Estar, Sintomas Emocionais e Dificuldades Interpessoais dos Estudantes do Ensino Superior. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, 2010.

YORGASON, Jeremy B; LINVILLE, Deanna; ZITZMAN, Bryan. Mental Health Among College Students: Do Those Who Need Services Know About and Use Them? **Journal of American College Health**. 2008; 57(2): 173-181.

ZIVIN, Kara; EISENBERG, Daniel; GOLLUST, Sarah E; GOLBERSTEIN, Ezra. Persistence of Mental Health Problems and Needs in a College Student Population. **Journal of Affective Disorders**. 2009; 117: 180-185.